

EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina - III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Petrópolis: Vozes, 1982.

EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã - Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

JOÃO PAULO II. *Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*. Exortação Apostólica de João Paulo II Christifideles Laici. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

RUBIO, Garcia. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SÍNODO DOS BISPOS. *Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo Vinte anos depois do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1987.

VATICANO II. *Documentos do Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações*. 15 ed.. Petrópolis: Vozes, 1982.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Loyola, 1991. v. 1-2.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Amor e Conhecimento - Sobre a ascensão dialéctica no "Banquete". *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, jul-Set. 1956, p. 225-242.

VV.AA., *Somos Gente Nova - Antropologia Teológica*. São Paulo: ITEBRA, 1993.

Ceci M. C. Baptista Mariani é Mestra em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

OS MOVIMENTOS NA IGREJA

Pe. Dr. Alfeu Piso

Meu caro amigo, Quicumque

Paz!

Você me pediu um parecer sobre os chamados movimentos religiosos. Seria muito pretensioso querer dar um parecer sobre todos os movimentos religiosos existentes no assim chamado *fenômeno religioso* deste fim de milênio. E, mesmo se a gente se restringir ao eclesial, mesmo assim seria ainda pretensioso querer falar de todos os movimentos pastorais e de espiritualidade que habitam a Igreja e as Igrejas.

Você me pediu um parecer. Pois bem, supondo que um parecer ainda seja uma palavra provisória e concreta e não muito exigente... supondo que um parecer se dá a partir de experiências... supondo ainda que um parecer envolve uma visão subjetiva... e, supondo que o subjetivo não seja puro, mas influenciado pelo ouvir dizer, pelo ver, pelo conviver etc.

Então, deixemos claro que se trata de um parecer. Um parecer formado com muitos pareceres. Parecer dos afeiçoados e parecer dos desconfiados, dos que amam e acreditam e dos que toleram e se ajustam o mais possível; parecer dos que se aproximam ingenuamente e dos que se aproximam criticamente, dos oportunistas que se utilizam de, e dos prudentes que analisam; parecer dos que se solidarizam e dos que se opõem.

Onde me coloco pessoalmente? Em primeiro lugar, na posição de quem quer fazer um balanço dos pareceres, com todo direito a um parecer próprio, direito que me foi dado pelo meu envolvimento no fenômeno. Onde foram colhidos os pareceres? Certamente não foi nos discursos públicos e oficiais, pois, estes, normalmente, são mais prudentes, quando não, tímidos, ou, de conveniência, ou, até chegam tarde demais, em determinados casos. Em determinados casos, principalmente nas coisas mais conservadoras, vistas com mais benevolência e com mais tom de espera do que as coisas de vanguarda e de fronteira. As coisas aparecem mais corajosas nos discursos particulares,

entre amigos que vivem as mesmas experiências e as mesmas preocupações, amigos que conversam com transparência, em encontros sem fiscalizações e sem censuras. Ainda coloco-me na posição de quem sempre defendeu que todo movimento pode ser forte, onde a pastoral é fraca. Se não se tem nenhuma opção e criatividade pastoral, então deve-se optar por aquilo que vem com a garantia do bem-sucedido. Na posição de quem sempre conservou proximidade com os movimentos, mas sem muita intimidade e, sem muita acolhida por parte de alguns deles... Na posição de quem sempre reconheceu valores e aprendeu muito com eles, mas também de quem reconhece os exageros. Na posição de quem sempre estranhou os radicalismos e fanatismos que, de forma geral, são de minorias que se sentem convertidas, mas não ainda cristianizadas e eclesializadas, mas sim sectarizadas; mas de minorias que gozam de visibilidade, têm a ousadia da palavra e têm poder de influência e de resistência, e, ainda mais, julgam gozar do patrocínio extraordinário e quase exclusivo do "Espírito Santo". Por fim, coloco-me na posição de quem acredita que as coisas podem ter solução benfazeja e que, por isso, oferece esse subsídio para um começo de reflexão.

O FENÔMENO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO

Do ponto de vista geral, os movimentos religiosos e para-religiosos deste fim de século, tanto fora, como dentro da Igreja católica, ganharam visibilidade, expandiram-se como nunca antes havia acontecido e se diferenciaram de uma forma surpreendente. Isso, não só pelo caráter milenarista que acompanha os fins de períodos históricos, cronológicos e culturais, mas hoje, também pela facilidade de comunicação e pela mobilidade de pessoas e de idéias em nosso mundo globalizado. Todo o novo e todo exótico se tornam evidentes, bons para o consumo e encontram consumidores. E ainda podemos acrescentar que o *religioso contemporâneo* vem muito bem ao encontro de uma sociedade de muitas carências e de muitas desilusões, de muita imanência e pouca transcendência, dentro da qual, a minoria abastada perdeu a ética e a religião institucional que a sacralizava, e a grande maioria já perdeu isso e muito mais. Um mundo paradoxal, secularizado e religioso, ao mesmo tempo. Ou melhor dizendo, saturado de uma religiosidade secular, com muito pouca transcendência no sentido cristão. Muita religião e pouca fé.

E, olhando somente para o interior do cristianismo e para suas proximidades, o que se considera hoje mais abrangente e com mais evidência, é o *pentecostalismo*. Nome que diz muito, mas com considerável diferenciação, pois o *pentecostalismo*, além de habitar de forma diferenciada várias Igrejas cristãs, ainda tem sua parte autônoma, no assim chamado *neopentecostalismo*.

O Ocidente se habituou a viver sob as asas hegemônicas da Igreja católica e, mesmo quando parte dele sai de sua tutela, não deixou de pensar assim, principalmente no sul do Ocidente. Este, vendo-se como católico e vendo o mundo vocacionado para ser católico. Dada a fé católica que afirma a centralidade e a universalidade do mistério de Cristo, pensava-se o mundo, de fato ou, potencialmente, católico. Até os descobrimentos e os grandes movimentos missionários, que seguiram a trilha da colonização, pouco se sabia sobre o mundo religioso de outros povos. E os primeiros conhecimentos foram interpretados na ótica católica missionária, tendo as outras religiões como não salvíficas e como idolátricas.

Com o advento da modernidade e com a cientificação de todas as realidades e, ultimamente, com o processo de globalização, além das grandes religiões históricas, que emergem como árvores frondosas no campo do sagrado, há ainda, como que milhares de fragmentos delas, fragmentos híbridos, um conjunto incontável de arbustos sagrados ou substitutivos do sagrado, que nascem a cada dia, aqui e ali, a rodear as grandes fortalezas institucionais, até há pouco tempo hegemônicas, e que dividem com essas instituições a produção de sentido, criando promessas e atraindo multidões, oferecem seu produto religioso, ou, simplesmente terapêutico. Esse fenômeno religioso surpreende pela variedade, pela quantidade de produtos que oferecem e pelos lugares onde aparecem.

Há a busca de uma religiosidade útil, para efeitos imediatos e imanentes, leve, subjetiva, estética, festiva, muito parecida com o lazer, as terapias, as ofertas de academias, e que produzem bem-estar; umas barulhentas, como é do agrado de muitos (pentecostais); outras silenciosas, como é do agrado de minorias (místicas); coisas assim, muito parecidas com o que se consome nas horas de ócio e de lazer, que suprem as necessidades dos mais pobres que não têm acesso aos produtos mais sofisticados, tanto na área da saúde, como na área do lazer.

A Igreja, e as Igrejas, não poderiam ficar imunes a toda essa onda, chamada de *retorno do sagrado, rumor dos anjos, reavivamento religioso* e coisas mais..

OS MOVIMENTOS DENTRO DA IGREJA CATÓLICA

Movimentos carismáticos e revolucionários sempre acompanharam a Igreja e as instituições religiosas em sua história. Eles vêm, em geral, para mexer com as águas pouco oxigenadas da Igreja, para despertar os cristãos e para fazer com que eles reencontrem alguns elementos esquecidos e ou pouco salientes da vida da Igreja. Ou para revitalizar os métodos, às vezes esclerosados, de evangelização e de pastoral. Feito isso, teriam cumprido sua missão. Mas todos os movimentos parecem viver a pretensão de que vieram para ficar, vieram para substituir a Igreja. No seu momento de pico, até se dizem *nova forma de ser Igreja*. Muitos desses movimentos tiveram mais sorte e passaram a habitar a Igreja, como Ordens, Congregações e Institutos de vida consagrada.

Na sua infância, em geral, os movimentos, desarrumam a casa. Na sua adolescência, quase se separam da casa. Quando chegam à idade adulta, poderiam ser mais úteis, mas se esgotam, por não poderem sustentar o entusiasmo de sempre ou, por vulgarizarem-se ou, porque já não conseguem conservar sua carga emocional; ainda, desiludem por não realizarem o excesso de promessas que fazem à sua clientela. Tanto na história passada, como na história presente, alguns movimentos, criados na área doméstica da Igreja e com seu beneplácito, tornaram-se cismáticos, como é o caso, em nossa Igreja de Ribeirão Preto, da Igreja "Comunidade Metodista", com sede na cidade de Brodowski, originada de um grupo cismático da Renovação Carismática Católica.

Propor uma análise de um só fôlego de todos os movimentos que habitam a Igreja, seria muita pretensão. Por isso, tenho em vista, a seguir, algumas considerações sobre a *Renovação Carismática Católica*, uma vez que esta ocupa o cenário com toda força de sua juventude e preocupa o cenário com toda a pretensão de ser o maior evento da Igreja no momento. Não vamos analisar a partir das intenções e dos discursos teóricos de seus

patrocinadores, e de sua melhor e mais consciente liderança, mas a partir do modo de ser e das realizações concretas, principalmente quando, no meio em que se desenvolve, encontra pastores com pouco senso crítico e com muita vontade de visibilidade e sucesso imediato, além de ver-se diante de líderes entusiastas, com pouca bagagem para discernir o que é e o que não é cristão em todo o fenômeno. Mas, mesmo restringindo à RCC, não se deve perder de vista o panorama geral da religiosidade que nos rodeia.

VALORES, CONTRA-VALORES E AMBIGÜIDADES

1. A *Renovação Carismática Católica* pode contribuir e sem dúvida, tem contribuído, para fazer aflorar a **dimensão carismática** na Igreja, ou seja, fazer com que a Igreja viva uma consciência mais explícita do Espírito que a anima. Seria sua função dar um banho pneumatólógico na instituição engessada e ajudar a encontrar essa parte oculta do *iceberg*, o *Espírito Santo*. Fazer a Igreja recuperar aquela convicção e aquela linguagem reveladoras da consciência que tinha em suas origens: "nós e o Espírito Santo". Mas é, em geral, um movimento de liderança autoritária, pouco disposta a ouvir alguma coisa, depois de já ter ouvido o "espírito". Não busca somente autonomia, mas convencida da assistência imediata do Espírito, Espírito tido, na prática, como que ausente dos demais setores da Igreja. Por detrás do apelo à assistência do Espírito, tem-se a impressão de que existe uma grossa cartilha, com intenções de reconduzir a Igreja para o recinto sagrado, tornando-a inofensiva à sociedade, como inofensivos são tantos outros grupos, movimentos religiosos e mesmo igrejas instituídas. Que cartilha é essa, de onde vem?

Ainda mais, consciente de sua grandeza numérica e de sua visibilidade nos meios de comunicação social, e consciente do apoio que recebe de grande parcela da Igreja, tende a trazer a Igreja para dentro de si. Já não se contenta em ser movimento da Igreja, quer ter a Igreja para si e dentro de si. Carrega consigo a pretensão de ser a última forma ou modelo de Igreja, a que todo o eclesial deve ajustar-se. Deixa quase a impressão de que a dimensão carismática da Igreja teria sido esquecida lá nas suas origens e só agora foi descoberta e, não apenas recuperada, após longo período de rígida institucionalização. Daí também surge a classificação divisionista dos presbíteros a favor e contra,

quem veste e quem não veste a camisa do movimento. Talvez, para superar esse incômodo e conquistar todo o espaço eclesial para si, o movimento passa a criar seminários e institutos de formação de um clero próprio, tido como “renovado”, com a anuência e o aplauso agradecido de parte da hierarquia. Passa a criar secretariados diocesanos de pastoral ao lado dos centros de pastoral diocesana. E isso vem favorecer mais e mais o divisionismo já existente.

Ao falar em dimensão carismática, fala-se em carismas. Daí a tendência de correr para carismas secundários, como o dom das línguas, revelações particulares e para carismas mal-entendidos, como o dom das curas, os exorcismos, ligados a uma visão dualista e mítica do mundo, o qual volta a ser povoado de anjos e demônios. Vive-se a expectativa de milagres, entendidos estes mais na ordem cósmica que na ordem histórica e messiânica, tal qual são apresentados nos Evangelhos. Isso contribui para conduzir a espiritualidade cristã do centro para a periferia da vida cristã.

2. Um movimento com tantos dons e carismas não precisa muita coisa da Igreja institucional. E consequência disso é o paralelismo. Deixa a impressão de que a vida paroquial, ou dos demais movimentos e pastorais da Igreja, pouco significado têm diante das propostas do movimento. Não se mistura às atividades paroquiais: tem suas reuniões privadas, seus encontros de oração, seu repertório próprio de cantos, seus cursos de formação próprios etc. Isso desestrutura os serviços paroquiais, tirando deles o melhor de suas lideranças e amarra essas lideranças, de tal modo, que perdem todo o entusiasmo por aqueles serviços comuns, mas necessários, da comunidade. Os serviços paroquiais, embora deixam muito a desejar, são o instrumental que se tem para atender o cotidiano da maioria dos fiéis. Por ocasião da preparação de alguma de suas atividades, as equipes paroquiais ficam esgotadas, pois tudo o que é do movimento torna-se prioritário, embora não se pode deixar de reconhecer que, de fato, muitos membros participantes do movimento trabalham de uma forma séria nos demais serviços paroquiais.

3. Pode ser uma escola de **oração** livre e filial, pessoal, descontraída, libertando a oração da formalidade. Ainda recuperando a oração de louvor, ação de graças, para além das orações acentuadamente de súplica. Mas

trabalha exageradamente com o emocional, levando ao risco do fanatismo, ao risco de uma religiosidade infantil e de fins terapêuticos. Há um devocionismo acumulativo, com objetos, orações fortes, novas devoções, recurso a mensagens e a mensagens particulares, correndo o risco de abafar as práticas fundamentais de vida cristã. É impressionante o volume de textos e objetos devocionais que se produzem e são postos à venda, mesmo nas editoras e livrarias tidas como mais sérias, sendo a grande maioria desses produtos, no estilo do movimento.

Ainda nesse aspecto, o resgate da corporeidade, muito ligado com o seu jeito de orar, com gestos e danças, muito positivo, por sinal, pois desengessa as atitudes religiosas de nossas assembleias, embora não seja do agrado de todos, nem pode ser exigido de todos, traz um aspecto, pelo menos ambíguo, pois satura o ambiente de sons fortes e movimentos, que favorecem mais o transe que a experiência mística, cura mais o estresse físico que o espiritual, tornando as pessoas sensíveis a induções e à confusão do que é ação do Espírito e do que é consequência do desequilíbrio emocional, principalmente quando se trata de pessoas que já chegam ao ambiente com problemas emocionais. É o caso da chamada “efusão do Espírito”, expressão substitutiva de “batismo no Espírito”. A oração ainda perde muito a sua dimensão eclesial, tendendo para a preferência subjetiva e com fins imediatistas, procurando quase efeitos mágicos. Claro que, a oração eclesial, um tanto formal, por ser ritual, deve prolongar-se na oração pessoal, existencial, mas a subjetivação da experiência cristã pode levar ao risco da perda de sua dimensão comunitária e de sua dimensão social e levar a uma tagarelice enfadonha.

4. Pode contribuir, e tem contribuído, para o incentivo e a prática da leitura **bíblica**, tanto pessoal como familiar e grupal, embora sua leitura bíblica tenda ao fundamentalismo, sendo receituária, seletiva, de acordo com a cartilha preestabelecida. Não se pediria que todos fossem especialistas em ciências bíblicas, mas que fossem mais humildes para ouvir quem tem condições de orientar uma leitura mais cristã e eclesial da Bíblia, leitura que seja menos ingênua e que leve mais em conta as ciências bíblicas e a interpretação eclesial da mesma.

5. Pode contribuir, e tem contribuído, para a valorização da **eucaristia**, mas a eucaristia precisa ter mais *Palavra* e mais “*corpo dado e sangue*

derramado". Uma devoção que tende a ser monofisista, na busca do Cristo Senhor Glorioso, objeto de adoração, mas que pouco motiva para o seguimento e o compromisso com o Reino. A *Palavra*, momento constitutivo da celebração, parece não lhe fazer falta, principalmente quando tem teor profético, porque o movimento já tem seus lugares próprios para a sua Palavra, em seus Dias de Louvor, em suas Experiências de Oração, na sua literatura própria etc. Showmissas e bênçãos do Santíssimo vistosas, em que se procura mais a hóstia consagrada do que a celebração eucarística plena. Um devocionismo eucarístico estático, subjetivo e fechado no pão do altar.

6. Pode contribuir e tem feito, para trazer à tona a dimensão **mariana** da Igreja, o que aliás, nunca faltou. Mas traz uma devoção mariana alimentada por um devocional sentimental, necessitada de aparições e mensagens particulares, que quase isola Maria do Mistério de Cristo e da Igreja: terços, rosários, devoção das mil ave marias, terços bizantinos, imagens bonitas e artísticas que separam Maria do cotidiano e da cultura e a conservam na glória, podendo assim falar, também aqui, de monofisismo mariano.

7. Pode contribuir para uma melhor **organização** das atividades pastorais, tornando-as mais humanas e acolhedoras, quando se quer aprender do movimento sua capacidade de organização e a importância que dá ao ambiente de suas atividades.

Nota: Quando, a cada momento, diz-se pode, é porque depende de cada configuração. Deixando de lado a generalização teórica e as boas intenções, partindo para cada configuração concreta, principalmente daquelas com que a gente tem contato, a realidade passa a depender do juízo de quem dinamiza e ou manipula o movimento.

8. No movimento, há uma tendência para a **visibilidade**, para o showismo, bem do agrado do saudosismo conservadorista, com tendência a mostrar uma Igreja-poder, competitiva. **Lightitação** da teologia: preferência pelo discurso leve, emocional, que fale ao subjetivo. Transferência da inteligência da fé para o **emocional** da fé. Mudança radical da inteligência para o coração. Do totalizante para o parcial e fragmentário. O subjetivo e o emocional precisavam, de fato, ser resgatados há tempos, mas não é preciso resgatar uma dimensão, pela quase exclusão da outra. Fazemos voto que isso seja provisório

e a inteligência teológica da fé venha logo a fazer falta e se concilie com o emocional, sistematize o fragmentário, aponte para o permanente da fé.

9. O trabalho dos **servos e servas**. Os assim chamados **servos e servas** assumem serviços de aconselhamento espiritual, sem ter a devida preparação para isso, apenas contam com a suposta assistência do Espírito. Isso se torna mais ambíguo quando os casos de aconselhamento trabalham com pessoas, muitas vezes, e as mais das vezes, problemáticas.

10. O movimento argumenta que **chama gente para a igreja**. De fato, seus eventos são concorridos, principalmente quando ligados a algum ídolo do próprio movimento. Seus eventos têm-se caracterizado por um acréscimo do movimento como tal, mas a questão que fica é "até onde tudo isso contribui para formar comunidades" e para despertar gente que invista mais nos projetos eclesiais? No fundo, a questão é: o movimento forma comunidade ou cria clientela?

UMA PROPOSTA

Deve-se tratar a questão dos movimentos e, especificamente, da RCC, não como confronto de subjetividades e conflitos de lideranças, ou seja, de que forma se relacionam padres e movimentos, mas tratar de forma mais ampla: como se relaciona o movimento com a Igreja, o que pode oferecer a cada comunidade onde está presente e o que deve manter da própria comunidade e da própria identidade do movimento, para conservar sua catolicidade.

Há necessidade de uma política de desarmamento. É preciso superar esse mútuo temor não-cristão. O campo para o diálogo está minado. Ambos os lados estão armados. Qualquer tentativa de apreciação ou crítica, tenta-se desarmar dizendo "não somos assim" ou, "isso é o que você pensa". Claro que, se está tão dentro da floresta, torna-se difícil contar as árvores, ou seja, tão emocionalmente envolvido, é difícil racionar. Aqui dá-se a grande dificuldade do diálogo, não da razão e fé, mas da razão com o coração, da "fides quaerens intellectum" com a "fides quaerens emotionem", do diálogo do masculino com o feminino da experiência cristã.

CONCLUINDO

O movimento trabalha, em suas bases, com uma teologia fraca (temática, fragmentária, não sistemática) e com uma leitura bíblica acrítica, com o descaço, e até com a renúncia da teologia pensante, o que responde ao pensamento fraco da cultura hodierna. Há um cansaço do pensamento e uma procura do emocional do fugaz, com fins imediatos. É a religiosidade que muito se ajusta a todo fenômeno religioso da atualidade. Talvez isso explica, em parte, seu sucesso.

O movimento é bom, mas precisa de maior embasamento teológico, revendo a compreensão dos temas maiores, tais como: Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo, Igreja, Missão; e dos temas menores, como carisma, curas, exorcismo, experiência do Espírito etc. E precisa ainda de uma maior formação mais eclesial, tanto espiritual como pastoral.

Os movimentos passam. Todos eles, no seu auge, causam problemas de relacionamento com a pastoral normal da Igreja. Esgotam a clientela e se esgotam. A impressão é que a RCC não vai se esgotar tão cedo, pois goza de muita simpatia, adesão e proteção no interior da Igreja, de muita divulgação nos meios de comunicação; liga-se a muitos compromissos com a indústria de produtos religiosos e, ainda mais, trabalha com a subjetividade e com adesões pessoais. Contudo, a presença fácil na mídia é motivo de provocar suspeitas, pois a mídia assume tudo isso como sacralização da sua consciência e de sua prática neoliberal e idolátrica e, assim como hoje precisa dessa sacralização e a exalta, amanhã pode não precisar dela e, por isso, congelá-la ou destruí-la, e o trabalho com a subjetividade emocional pode-se esgotar.

Por fim, meu caro amigo *Quicumque*, peço desculpas se o céu aparece muito nublado, se o quadro aparece um tanto sobrecarregado, e, às vezes, com as inevitáveis generalizações e subjetivações, mas volto a dizer que tudo isso que foi dito por mim, foi e é comentado por muitos que, talvez por temor da censura ou do conflito, não tornam público o seu pensamento. Não se pode esperar mais tempo para um diálogo sério que aborde a relação da RCC e dos demais movimentos com a Igreja institucional. Está na hora de se superarem

os melindres e os temores mútuos. O carismático vai institucionalizando-se cada vez mais, e, dois corpos institucionais não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo. O que pretendia ser uma nova forma de espiritualidade torna-se nova forma de instituição, que talvez não seja a mais apta para responder aos anseios que a Igreja hoje tem de diálogo com os pobres, com a cultura, com as Igrejas e religiões e aos seus anseios de comunhão, de serviço e anúncio.

Para os mais exigentes, apresentamos uma pequena bibliografia onde podem aprofundar esses pareceres ou encontrar pareceres diferentes.

Bibliografia

ANTONIAZZI, A. et al. *Nem Anjos nem Demônios. Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOFF, C. Carismáticos e Libertadores na Igreja. *REB*, Petrópolis, mar. 2000. p. 37-53.

CALIMAN, C., O desafio Pentecostal: Aproximação Teológica. *Perspectiva Teológica*, v. 28, 1996. p. 295-309.

_____. (Org.) *A Sedução do Sagrado: O fenômeno Religioso na Virada do Milênio*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CELAM; *ITEPAL*, Pentecostalismo. *Medellin*, v. 24, n. 95, set. 1998 (todo número é dedicado ao tema).

CNBB. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Paulinas, 1994. (Documentos da CNBB, 53).

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Movimentos Pentecostais, Carismáticos e Mística Cristã: Desafios Teológicos e Pastorais. *Perspectiva Teológica*, v. 28, 1996. p. 339-364.

OLIVEIRA, Antonio Ribeiro de. Colocar-me em sintonia com a caminhada pastoral da Arquidiocese. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, v. 42, n. 4, jul/ago. 1999.

VIDA PASTORAL. Sob o título maior "Fascínio do Sagrado" (I - II - III), a revista *Vida Pastoral* 212 (maio/junho), 213 (julho/agosto) e 214 (setembro/outubro) 2000, traz uma série de artigos de autores de renome sobre o fenômeno religioso desse fim de século.

VV.AA. , Novas Forças da Igreja 2. *A Renovação Carismática Católica* (Especial). *Mundo e Missão*, mar/abr. 1999.

Pe. Alfeu Piso é Doutor em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Gregoriana de Roma e Diretor do Instituto de Teologia Dom Miele do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto.

TEOLOGIA E ECONOMIA ENTRE O UTÓPICO E O REALIZÁVEL: A PROFECIA-PASTORAL¹

Pe. Dr. Márcio Anatole de Sousa Romeiro

A aproximação entre teologia e economia é cada dia mais freqüente nos círculos teológicos. Os pioneiros nesta empreitada² abriram caminhos e fizeram discípulos³ que, com originalidade, contribuem com o avanço das pesquisas. A relação entre economia e teologia já foi aprofundada tendo como referência o problema da idolatria⁴, da exclusão⁵, do sacrifício⁶, da racionalidade⁷. Essas abordagens, sem dúvida alguma, vieram enriquecer, tanto do ponto de

¹ Este texto foi inicialmente preparado para estimular os estudos preparatórios ao seminário dos Padres Dehonianos sobre Economia e Reino de Deus, acontecido no ano de 1999. Como era objeto das preocupações deste seminário refletir, tendo em vista a Doutrina Social da Igreja, julgou-se oportuno referir-se com freqüência ao documento *Ecclesia in America*, então recentemente publicado.

² HINKELAMMERT, Franz J. *As armas ideológicas da morte*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1983; *Crítica da razão utópica*. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1988. ASSMANN, Hugo. *Desafios e falácias*. São Paulo: Paulinas, 1992.

³ SUNG, Jung Mo. *Teologia e Economia: repensando a teologia da libertação e utopias*. Petrópolis: Vozes, 1994; *Deus numa economia sem coração. Pobreza e neoliberalismo: um desafio à evangelização*, São Paulo: Paulinas, 1992. AUGUSTO, Adailton Maciel. *Neoliberalismo e idolatria do mercado, desafios à pastoral popular*. *Vida Pastoral*, v. 39, n. 203, dez. 1998, p. 19-23.

⁴ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do mercado*. Petrópolis: Vozes, 1989.

⁵ ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica da exclusão: ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994; *Paradigmas educacionais e corporeidade*. Piracicaba: Unimep, 1993; *Por uma sociedade onde caibam todos*. *Vida Pastoral*, v. 37, n. 183, fev. 1996, p. 19-26.

⁶ ASSMANN, Hugo (org.). *René Girard e o teólogos da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

⁷ ASSMANN, Hugo. *Clamor dos pobres e 'racionalidade' econômica*. Tradução de Darci Luiz Marin. São Paulo: Paulinas, 1990. ROMEIRO, Márcio Anatole de Sousa. *A ética como racionalidade moderna*. *LUMEN*, São Paulo, v. 1, dez. 1994, p. 5-14.